

Para onde vai a ECONOMIA BRASILEIRA? Até quando seremos recordistas em JUROS ALTOS?

O Banco Central do Brasil, sob a gestão do atual presidente Gabriel Galipolo, mantém a taxa de juros real na segunda posição do ranking mundial. Fazem isso com uma suposta justificativa econômica e com um discurso pomposo.

QUAL O IMPACTO DA ALTA TAXA DE JUROS NA ECONOMIA E NA VIDA DAS PESSOAS?

Podemos observar o impacto dessa política recessiva sobre a vida econômica nos seguintes dados:

- Recorde de inadimplência na população e empresas: 81 milhões de inadimplentes e 8,9 milhões de empresas inadimplentes. (Serasa)
- 31% dos negócios ativos no país não conseguem pagar suas dívidas e em 2025 houve aumento de pedidos de recuperações judiciais. (FecomercioSP)
- No acumulado de 12 meses até fevereiro deste ano, o gasto do setor público com juros chegou a R\$1.036,8 bilhões -8,07% do PIB.(Banco Central)
- Dificulta a retomada da indústria brasileira que sofreu alta desindustrialização nas últimas décadas. A indústria de transformação, que em 1985 correspondia a 35,9% do PIB do país correspondeu a 14,4%do PIB em 2024. (Perfil da Indústria Brasileira)

Podemos concluir que os juros altos são ruins para as famílias, empresas do setor produtivo e

do setor de serviços e para o Estado que acaba transferindo bilhões de reais que poderiam ser usados em investimentos públicos essenciais para os mais ricos.

OS JUROS SÃO ALTOS DEVIDO À PRESSÃO INFLACIONÁRIA?

A defesa da taxa de juros enquanto principal instrumento de política monetária para controlar a inflação está baseada no pressuposto desta ser tipicamente de demanda - o que não é o caso da economia brasileira recente, marcada por choques de custos como a Guerra da Ucrânia, eventos climáticos extremos e, mais atual ainda, a Guerra do Irã. As cada vez mais frequentes altas nos preços de alimentos, inclusive por conta de eventos climáticos extremos, são um fator essencial na história. Uma ferramenta importante é uma robusta política de estoques reguladores federais, extintos durante o governo Temer e retomados timidamente pela CONAB do governo atual. Outra, para remediar a persistência ou inércia inflacionária, ou seja, o fenômeno no qual a inflação no período anterior fortemente impacta o valor no período atual, é a cautela com expectativas de inflação e indexação de preços. Tanto no primeiro quanto no segundo caso, os juros são absolutamente ineficazes no combate à inflação.



O JUROS SÃO ALTOS DEVIDO AO PREÇO DOS COMBUSTÍVEIS E AO CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

O aumento no preço internacional de combustíveis- agora devido ao conflito no Irã- seria um problema muito menor se o Brasil tivesse maior capacidade de controlar os preços de combustíveis domésticos via Petrobras. Atualmente, estamos perdendo nossa soberania energética pois vendemos, durante o governo Bolsonaro, 4 refinarias e a gigante BR Distribuidora, que leva a gasolina até o posto e vende ao consumidor. As estatais agora privatizadas estão extorquindo a população com os preços consistentemente mais altos do Brasil.

Dessa forma, fica evidente que a desarticulação da capacidade de refino da Petrobrás e do seguimento dos preços internacionais de petróleo atrelado ao dólar mesmo com o fim legal do PPI (Preço de Paridade Internacional) são o problema. Assim, o problema dos preços dos combustíveis é um problema de oferta e não de demanda, pouco o juros altos pode fazer para resolver a situação.

Na última ata do COPOM, de forma cínica, se justificou o Conflito no Oriente Médio como motivação para impedir uma redução maior na taxa SELIC. A mesma argumentação foi

feita antes devido à Guerra na Ucrânia. O Banco Central vai esperar que todas as guerras no mundo acabem para baixar os juros? Ou somente os conflitos na região do Oriente Médio? Pelo bem da população e economia, a Petrobras precisa ser fortalecida a serviço do Brasil.

A JUSTIFICATIVA DA IRRESPONSABILIDADE FISCAL E DO DÉFICIT PÚBLICO

Entre diversos economistas de televisão há o consenso que os juros altos são danosos para a economia, mas que são “um mal necessário” ou um “remédio amargo”. Por muitas vezes quando eles não conseguem justificar os juros altos pela inflação, ainda mais quando esta está em processo de redução, tentam justificar pelo problema da irresponsabilidade fiscal ou das contas do governo, dizendo que o Brasil, sem resolver esses problemas, não conseguiria criar um ambiente propício para realizar a queda dos juros.

Mas o Brasil não tem nenhum grande problema fiscal e de dívida pública, e comparações com outras economias mundiais de mesmo porte evidenciam isso. Mesmo a problemática relação dívida/PIB - comparando um estoque com um fluxo! - coloca o Brasil em um cenário razoável e, nota, a dívida pública é vítima de um custo monetário elevado provocado pelas altas taxas de juros: são os juros nominais (e reais) que fazem nossa relação dívida/PIB crescer!

Portanto, se existe um problema real nas contas do governo, não é por conta do gasto demasiado em educação, saúde e demais áreas sociais, ou seja, os gastos primários. Muito pelo contrário, é o gasto com juros – que passou de um trilhão – e outros encargos da dívida que nos gera um problema nas contas públicas.

O déficit primário ficou em 0,41% do PIB no acumulado dos últimos 12 meses, já o déficit nominal brasileiro é o segundo maior do mundo e atingiu a marca de 8,48% do PIB! (Dados do próprio BC).

EM DEFESA DE UM NOVO PROJETO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO

A questão central é a economia política da política econômica: a quem interessa uma política persistente de juros altos? A classe de rentistas que querem faturar muito sem correr nenhum risco. Apenas isso pode justificar essa lógica, garantir a remuneração de um setor parasitário, que enquanto lucra bilhões, esmaga economicamente o resto da população que trabalha com algo produtivo.

A implicação principal da atual política de juros é a inviabilização de um projeto de desenvolvimento nacional. Como desenvolver um país onde grande parte das famílias e empresas estão endividadas? Como desenvolver um país sem uso de investimento, sem incentivo a indústria, sem gasto massivo em ciência e tecnologia, educação, saúde e defesa?

Os juros altos não são um consenso entre todos economistas e economias. Nem uma verdade ou um talismã intocável. Um estudo recente do MADE, aqui da FEA, mostrou que os principais fatores que causam aumentos nos juros reais são a volatilidade da inflação, a volatilidade cambial e uma meta de inflação irrealista, baixa demais. Políticas de controles de capital, regulação macroprudencial, controles de preços essenciais à economia e metas mais realistas ajudariam fortemente a combater tais causas.

Países que têm demonstrado maior crescimento econômico, como a China e a Índia, mantêm sua taxa de juros real na média dos 3%. O Japão durante muito tempo teve uma taxa de juros real negativa! Economistas como André Lara Resende ou o

empresário industrial Mario Bernardini afirmam que um valor decente de juros reais segue esse caminho: um valor abaixo do crescimento do PIB da economia. Isso garantiria uma tendência de redução estável na relação dívida/PIB, enquanto políticas fiscais e cambiais de combate à inflação poderiam ser utilizadas para responder diretamente às causas da inflação, ao invés de jogar todos os custos na população.

O que compete a nós, estudantes de economia, administração, contabilidade e ciências atuariais, é não aceitar uma solução sofisticada para um problema tão sério. Afinal, queremos ser economistas, administradores, contadores e atuários de empresas falidas? De uma economia que não avança? De um país que não consegue ter autonomia para decidir seu próprio destino?

Em momentos de instabilidade externa, podemos continuar usando as mesmas velhas ferramentas que não resolvem os problemas do Brasil, mas ao contrário, só agravam eles. Ou incorporamos novas ferramentas, capazes de fortalecer nossa soberania e nos auxiliar a se desenvolver de forma autônoma, visando superar nossa condição de país dependente em um mundo cada vez mais caótico.

CONHEÇA NOSSO MOVIMENTO



INSTAGRAM

